

Autor: GONÇALO FERREIRA DA SILVA

# EMISSÁRIOS DO INFERNO NA TERRA DA PROMISSÃO



## Emissários do Inferno na Terra da Promissão

Nunca o mundo ocidental  
na atual geração  
tinha esbugalhado os olhos  
com tanta estupefação  
como ao ler este poema  
que se encontra em sua mão.

Rufino Dias Mesquita  
algo longe refletia  
porém era muito grosso  
pra sentir a poesia  
que emanava de tudo,  
que na fazenda existia.

Pedro era o primogênito  
do velho casal Mesquita  
o segundo Salomão  
a terceira Isabelita  
serpente que completava  
aquela prole maldita.

O velho Rufino tinha  
esquisita envergadura  
por um pouco mais ou nada  
submetia à tortura  
um filho se não o visse  
com peixeira na cintura.

Voando chispas de ódio  
exclamava enfurecido:  
-- Andar sem armas é o mesmo  
que andar desprotigido  
pois o homem sem peixeira  
é moralmente despido.

A cabra velha dizia:  
— Bata neles, não se amoque,  
ficando grandes arrancam  
antes que você os toque  
seu cavanhaque com os cacos  
do seu próprio corrimboque.

No entanto Salomão  
ao pai e a Pedro dizia:  
— Não gosto de andar armado  
para mostrar valentia  
a arma esconde somente  
nossa grande covardia.

Disse Rufino com ódio:  
— Olha maldito pixote  
eu não vou ficar ouvindo  
falar miolo-de-pote  
vai receber a resposta  
na ponta do meu chicote.

Ai levantou o braço  
ameaçadoramente  
e descarregou um golpe  
tão duro e tão contundente  
que Salomão emitin  
um grito agudo, estridente.

E Salomão percebendo  
o seu pescoço ferido  
elevou a mão direita  
ao pé do seu próprio ouvido;  
sentiu mais dor no ouvido  
que no local atingido.

Porém quando viu Rufino  
novamente o braço erguer  
disse para o pai: — Não tente  
segunda vez me bater  
porque não teria tempo  
sequer de se arrepender.

Tais palavras foram ditas  
com tanta força moral  
que Rufino reprimindo  
o choque emocional  
desceu lentamente o braço  
à posição vertical.

Girou sobre os calcanhares  
exibindo ao filho as costas  
não esperando do outro  
nem revide nem respostas  
ambos saíram dali  
para direções opostas.

Salomão no seu reduto  
ficou muito pensativo  
nunca o chicote do pai  
fora tão inofensivo  
se havia milagre, um deles  
era encontrar-se vivo.

Para Isabelita e Pedro  
Rufino estava dizendo:  
-- Há coisas em Salomão  
que eu morro e não entendo  
hoje tive de esforçar-me  
para não ficar tremendo.

Isabelita lhe disse:  
--- Você de fato está roxo  
mas não pense por favor  
que Salomão é cego  
se você não o matou  
é porque é muito frouxo.

O velho quis revidar  
porém ficou sem ação  
porque sua esposa disse:  
--- A menina tem razão  
guarde a sua valentia  
para enfrentar Salomão.

Clara chamava-se a velha  
de brutalidade rara  
tinha torpe o pensamento  
a alma negra, ignara  
mas justificava o nome  
porque tinha a pele clara.

A atitude tomada  
pelo jovem Salomão  
foi a de dali pra frente  
nem mesmo do seu irmão  
não aceitar mais calado  
nenhuma provocação.

Lembrou que Pedro lhe dera  
tantas surras na cidade  
justamente na presença  
de jovens da sua idade  
agora teria o troco  
bastava oportunidade.

Já tinha dezesseis anos  
idade suficiente  
para um rapaz no sertão  
pensar e agir livremente  
e ter personalidade  
totalmente independente.

O ódio que a família  
nutria por Salomão  
era tão indistarcável  
que em dada ocasião  
mandaram-no ir embora  
sem qualquer contemplação.

Mas por ser pequeno ainda  
resignou-se em ficar  
até o dia em que o pai  
certamente sem pensar  
que ele já estava grande  
quisera lhe castigar.

No povoado até mesmo  
a família de Custódio  
já tinha conhecimento  
daquels estranho episódio  
como os pais tinham ao filho  
vil e rancoroso ódio.

Enquanto Pedro tomava  
um tronco no bar do Sena  
Salomão com a namorada  
retornava da novena  
e passou em frente ao bar  
ao lado de sua pequena.

Era Madelena filha  
de Custódio de Alencar  
e quando se aproximavam  
daquele maldito bar  
viram o perigo velado  
que não podia evitar.

Infelizmente não foi  
somente pressentimento  
pois quando passavam em frente  
ao estabelecimento  
a voz de Pedro Mesquita  
lhes disse grave: — Um momento.

Salomão parou de chofre  
mas disse à sua querida:  
--- Eu tenho de evitar  
de tornar-me um fratricida  
porque seria estragar  
o resto da minha vida.

Salomão falou a Pedro:  
— Homem deixe de besteira  
em troca de tais palavras  
recebeu uma rasteira  
e risos porque caiu  
numa posição grosseira.

Antes que se levantasse  
recebeu novas pernadas  
caiu outra vez ouvindo  
um coro de gargalhadas  
já tinha a roupa rompida  
e as costas ensanguentadas.

Pedro ao entanto teve  
a desconsideração  
de não avaliar bem  
a força de Salomão  
disposto a vender bem caro  
mais aquela humilhação.

E Salomão ao erguer-se  
já tinha um golpe estudado  
que se fosse com sucesso  
em Pedro bem aplidado  
o deixaria certamente  
muito desmoralizado.

Assim quando Pedro quis  
nova pernada aplicar  
Salomão pegou a perna  
do irmão em pleno ar  
este arrebentou os dentes  
no piso duro do bar.

O golpe foi aplicado  
com precisão estupenda  
quando os circunstantes viram  
Pedro perdendo a contenda  
houve um sepulcral silêncio  
que tomou conta da venda.



Enquanto Pedro continha  
a sua ira impotente  
Salomão lhe disse: --- Nunca  
me insulto publicamente  
e saíu com a namorada  
despreocupadamente.

Na divisa das fazendas  
de Custódio e de Rufino  
Pedro amanheceu morto  
por um estranho assassino  
que mudou radicalmente  
de Salomão o destino.

Pedro estava realmente  
ali na relva estendido  
pois nele um tiro certeiro  
tinha sido desferido  
certamente o assassino  
tinha desaparecido.

Coisas do não-sei-que-diga  
porque a realidade  
é que Salomão e Pedro  
duelaram na cidade  
Salomão teria portanto  
toda culpabilidade.

Foi Madalena quem viu  
Pedro estendido no chão  
conquanto ainda reinasse  
a total escuridão  
saíu apressadamente  
para avisar Salomão.

Salomão pensando na  
má receptividade  
que teria em sua casa  
ao retornar da cidade  
dormiu ao pé da cancela  
com muita emotividade.

Foi ali que Madalena  
encontrou seu namorado  
foi logo dizendo a ele:  
— Pedro foi assassinado  
fuja imediatamente  
se não quer ser condenado.

No peito de Salomão  
reinava um coração nobre  
portanto estimava a Pedro  
de sentimento tão pobre  
— E fugindo o assassino  
de Pedro ninguém descobre.

... Além do mais - concluiu  
fugir dá mal resultado  
pois nosso duelo foi  
por todos presenciado  
assim todos pensarão  
que sou de fato culpado.

--- O que você diz é certo  
mas não há outra saída  
porque a sua família  
vai ficar enfurecida  
que você dificilmente  
continuará com vida.

Salomão não tinha mesmo  
tempo para refletir  
apesar de não achar  
ser elegante partir  
o caminho mais prudente  
que encontrou foi fugir.

No lugar em que o Sol  
se ergueria radiante  
o céu estava pintado  
de ouro naquele instante  
a moça viu o rapaz  
desaparecer distante.

Quando a fazenda acordou  
no natural reboliço  
cada um com sua enxada  
se dirigia ao serviço  
notaram além de Rufino  
dos rapazes o sumiço.

Rufino chegou dizendo:  
— Pedro esteve a noite inteira  
farreando na cidade  
com uma vil cabrocira  
despertou morto no campo  
de vegetação rasteira.

Alguém que vinha chegando  
com um cabresto na mão  
disse: — Pedro, na cidade  
duelou com Salomão  
sendo humilhado com vaias  
ao ser lançado ao chão.

Todos se olharam num misto  
de tristeza e de rancor  
porque ficara tão claro  
daquele crime o autor  
o inquieto Rufino  
sentia ódio e pavor,

Pavor que ele no entanto  
sabia dissimular  
fagulhas de intenso ódio  
se lia no seu olhar  
pois algo muito secreto  
ele tinha que ocultar.

Um grupo de homens rudes  
por Rufino liderado  
foi ao local onde Pedro  
tinha sido assassinado  
trazer o corpo pra ser  
na casa grande velado.

Como se aquele cadáver  
pudesse ouvir sua voz  
Rufino fitou o corpo  
dizendo num tom feroz:  
--- Serei pra quem te matou  
o mais desumano algoz

Porém tais palavras eram  
ocas de convicção  
pois não reuniu os cabras  
para uma perseguição  
ficou ruminando o ódio  
mas sem tomar decisão.

Vamos tentar encontrar  
Salomão neste momento  
e até mesmo mergulhar  
no seu próprio pensamento  
por ser ele na história  
quem dá vida e movimento.

Bem antes que o crepúsculo  
trouxesse o sol matutino  
Salomão já galopava;  
conquanto sem ter destino  
já estava a várias léguas  
da fazenda de Rufino.

Embora o sensato fosse  
realmente ter fugido  
algo conciliador  
dizia no seu ouvido  
que ficasse sossegado  
que não seria perseguido.

Ao cabo de meia lua  
de andança ininterrupta  
Salomão parou ao pé  
de uma montanha abrupta  
e pensou em sua família  
vil, traiçoeira e corrupta.

Tudo ficará pra trás  
ali se sentia seguro  
pois não seria perseguido  
pensaria no futuro  
pois seu passado foi negro  
infame, padastro e duro.

Conversou com o cavalo  
antes de pegar no sono  
e este compreendendo  
o pensamento do dono  
respondeu equinamente:  
"Eu morro e não te abandono."

E mergulhando no tempo  
vamos achar Salomão  
transpondo a Ibiapaba  
passando por boquelrão  
um abismo tão profundo  
de gelar o coração.

Foi justamente no bico  
daquela grande montanha  
que olhando para baixo  
a altura era tamanha  
que Salomão foi tomado  
duma sensação estranha.

Apesar de atraído  
pela lei da gravidade  
ele olhou detidamente  
do solo a concavidade  
e desceu para planície  
com grande dificuldade.

Se o cavalo fosse outro  
não teria obedecido  
por onde Salomão foi  
ele não teria ido  
foi por amor e lembrado  
do que tinha prometido.

Preso com satisfação  
à rédea o nobre equino  
acompanhou o seu dono  
que do tempo de menino  
já andava escravizado  
ao cabresto do destino.

Chegando ao pé da montanha  
Salomão olhou com calma  
para o cimo pontegudo  
e como quem tem um trauma:  
-- Se alguém caísse aqui  
não salvaria nem a alma.

Depois se desconcentrando  
da breve meditação  
ante o cumprimento amigo  
dum distinto cidadão  
lhe disse amistosamente:  
-- O meu nome é Salomão.

-- Veja como são as coisas -  
lhe disse o desconhecido  
justamente neste ponto  
um dia estava caído  
um homem que é em tudo  
com você bem parecido.

Caiu ou foi atirado  
lá do cimo deste morro  
lastimosamente uivando  
tinha a seu lado um cachorro  
pedindo para seu dono  
providencial socorro.

Com a queda ele ficou  
muito desorientado  
pouca coisa ou quase nada  
se recorda do passado  
mas se sente satisfeito  
na minha casa hospedado.

E Salomão escutando  
pormenorizadamente  
o relato de Galvão  
disse quase inconsciente:  
--- Se você não se encomoda  
vou vê-lo pessoalmente.

Não há inconveniente -  
disse cordato Galvão  
pode me acompanhar  
que atrás daquele capão  
de mato muito fechado  
fica a minha habitação.

Salomão acompanhou  
o seu novo companheiro  
bom e comunicativo  
prestativo, hospitaleiro  
ladeando grande penha  
que estreitava um ribeiro.

Quando ambos desmontaram  
na morada de Galvão  
havia um rumor de vozes  
no bem cuidado salão  
Salomão entrou chamado  
pelo seu anfitrião.



No entanto na sala um homem  
somente monologava  
porém com tal veemência  
falava e gesticulava  
que quem ouvisse de longe  
que era briga pensava.

Porém quando os dois rapazes  
entraram junto na sala  
ele mudou de cor como  
quem mortalmente se abala  
ficou com os lábios tremendo  
e titubante a fala.

Pra nós inexperientes  
de admirar nos faz  
pois foi salvo por Galvão  
há muitos anos atrás  
sem lhe aparecer estranhos  
que lhe perturbassem a paz.

O impacto da chegada  
do valente Salomão  
foi algo sem precedente  
provocando uma emoção  
que Abelardo sentiu  
fraquejar-lhe o coração.

Galvão na sala parado  
como quem também se espanta  
disse a Salomão: -- Espere  
enquanto preparo a janta  
porque comer para mim  
é uma devoção santa.

Depois da janta eu coloco  
seu cavalo no cercado  
amarro redes no alpendre  
você fica sossegado  
e palestra com Abelardo  
que parece interessado.

---... Esta minha casa é pobre  
hospitaleira e fraterna  
há nela a luz do amor  
em mim esperança eterna  
me tenha como um irmão  
e nela a casa paterna.

Salomão agradecendo  
do fundo do coração  
de Galvão aquela humana  
e grata recepção  
acercou-se de Abelardo  
com muita e justa emoção.

Os gestos de Abelardo  
eram pesados e lentos  
pois a parte do juízo  
que governa os movimentos  
havia sido afetada  
por choques rudes, violentos.

Como a Salomão Galvão  
dissera anteriormente  
a memória de Abelardo  
estava deficiente  
em decorrência também  
daquele estúpido acidente.

Vejamos se Abelardo  
se recorda do passado  
apenas pra saber que  
em tempo distanciado  
sua esposa teve um filho  
por Salomão batizado.

Sabe sim, e foi por isso  
que ao entrar no salão  
que Galvão o convidou  
chamando de Salomão  
que ele sentiu no peito  
aquela grande emoção.

Agora rememorando  
os caminhos do destino  
retornou ao tempo em que  
Salomão era menino  
e sua sociedade  
na fazenda com Rufino.

Foi um longo, tenebroso  
e até malfadado trilha  
tinha Abelardo nos olhos  
tão puro e fraternal brilho  
abraçando o rapaz disse:  
--- Sou seu pai, querido filho.

Salomão ali nem teve  
como raciocinar  
muitas coisas Abelardo  
teria que explicar  
e depois os dois teriam  
bastante o que conversar.

Vamos deixar Abelardo  
e o Jovem Salomão  
muito contentes diante  
da feliz revelação  
vamos voltar a Rufino  
ponto central da questão.

E na garupa do tempo  
nos vamos retroceder  
até encontrar Rufino  
no mais triste padecer  
vagando com a família  
sem ter aonde viver.

Perambulando no mundo  
sem pouso, sem paradeiro  
pediu rancho a Abelardo  
e o rico fazendeiro  
ofereceu a Rufino  
um emprego de vaqueiro.

E Rufino ao aceitar  
o emprego oferecido  
dedicou-se febrilmente  
liderando um grupo unido  
sendo por todos benquista  
e pelo chefe aplaudido.

Tinha nos punhos de aço  
muito vigor e saúde  
um homem apropriado  
pra desbravar sertão rude  
tanto que até construía  
um rudimentar açude.

Foi com ele que a fazenda ganhou em prosperidade mas tal como trabalhava com tanta seriedade tinha um coração repleto de orgulho e de maldade.

Entretanto para o chefe mostrava-se tão capaz tão eficiente e justo obstinado e tenaz que um belo dia Abelardo o nomeou capataz.

Viu-se com essa atitude prodigiosos sinais mais de mil reses mugiam nos cercados, nos currais o progresso na fazenda era evidente demais.

Mas Rufino empreendendo esforços sobreumanos esperava colher frutos no prazo de poucos anos por esta razão sozinho forjava sombrios planos.

No entanto precisava ser precavido, sensato um passo em falso que desse botava tudo no chão assim as ordens do chefe ele aceitava cordato.

A esposa de Abelardo  
teve morte prematura  
Salomão ficou pequeno  
porém o pai com ternura  
cuidou do menino até  
vir a cruel desventura.

Um pormenor como este  
era bem analisado  
por Rufino que sentia  
que tudo estava a seu lado  
assim o seu plano era  
muito mais facilitado.

No mesmo ano um preposto  
do governo federal  
afirmou que na fazenda  
tinha muito mineral  
era portanto dotada  
de riqueza colossal.

A descoberta da mina  
na fazenda do patrão  
fez os olhos de Rufino  
brilharem de ambição  
pondo a tona agora coisas  
fora de cogitação.

Abelardo de contente  
não podia se conter  
tinha um sorriso nos lábios  
para tentar esconder  
a ânsia imensurável  
que tinha de enriquecer.

Mas sabendo que iria enfrentar muita contenda a expansão da riqueza e tratar de compra e venda convidou Rufino para ser seu sócio na fazenda.

Rufino ao aceitar disse: — Abelardo tenha em mente que o sucesso depende quase primordialmente que ambos os sócios lutem desinteressadamente.

Disse Abelardo: --- Eu somente não admito derrota não podemos afastar-nos da boa e humana rota portanto vamos tomar um tronco de piojota.

Amanhã nós dois iremos a cidade de Sobral registrar a nossa mina para ter valor legal a fazenda é a primeira em riqueza mineral.

Rufino passou a noite forjando um plano sinistro por fim pensou "Abelardo" eu sozinho administro esta fazenda, e a mina pode deixar que registro.

Um barulho o arrancou de suas cogitações era Abelardo que vinha povoando de ilusões tecer com Rufino outras novas considerações.

Vinha pedir a esposa do seu amigo Rufino pra cuidar de Salomão uma vez que o menino não podia ir com eles por ser muito pequenino.

“Diacho” pensou Rufino eu estava justamente pensando como faria para o pai deste inocente sofrer durante a viagem inesperado acidente.

Clara ouvindo disse: --- É claro que eu lhe faço o favor de ficar com Salomão por quem tenho grande amor pode ir com meu marido na paz de Nosso Senhor.

Rufino refletia longe como quem algo analisa depois esfregou as mãos como quem se realiza a seguir botou num torno a suarenta camisa.



Deixando o filho Abelardo  
retornou com brevidade  
pra conciliar o sono  
porém a realidade  
é que não dormiu um tico  
por causa da ansiedade.

As quatro horas, se tanto  
levantou-se alvoroçado  
pôs a sela no cavalo  
montou-se e foi apressado  
chamar Rufino que estava  
já com tudo preparado.

Equinamente os cavalos  
se trataram de você  
porque ambos relincharam  
um para o outro e porque  
colocaram as orelhas  
pra frente a feição de V.

Emproenderam a jornada  
aqueles homens insanos  
com Rufino ruminando  
pensamentos desumanos  
pois nada o afastaria  
dos seus originais planos.

Alegando que primeiro  
iria a São Benedito  
conduziu o companheiro  
por um caminho esquisito  
até que se aproximaram  
do tal boqueirão maldito.

Rufino disse escondendo  
um aterrorizador cinismo:  
— Venha ver a profundezza  
descomunál deste abismo  
onde a força de atração  
chega a ser um despotismo.

Abelardo esqueceu uma  
coisa muito elemental  
nem em tudo nesta vida  
nos devemos confiar  
o Rufino tinha um brilho  
especial no olhar.

Quando o incauto Abelardo  
se aproximou lentamente  
daquelle boqueirão negro  
Rufino felinamente  
o atirou no abismo  
depois riu sinistramente.

Quando somente o silêncio  
reinava em redor, mais nada  
respirou vitorioso  
pois a parte delicada  
do seu desumano plano  
já estava executada.

Continuou a viagem  
por terreno acidentado  
para registrar a mina  
como estava planejado  
só que dali para frente  
ia desacompanhado.

Quando chegou em Sobral instalou-se numa venda disseram as autoridades: -- Rufino nos compreenda sem provas não registamos a mina de sua fazenda.

Rufino resignado deu meia volta e saiu montou-se no seu cavalo para a fazenda partiu porque na realidade o que queria conseguiu.

Quando chegou na fazenda contou pesadamente que Abelardo foi vítima de um fatal acidente os moradores ouviram pormenorizadamente.

Naquela imensa fazenda só quem, na realidade poderia contestar ou procurar a verdade era Salomão com menos de dois anos de idade.

Rufino agora era o dono de mina, fazenda e gado Salomão como seu filho na fazenda foi criado e Abelardo era um nome que pertencia ao passado.

Mas como não possuía nobreza suficiente quando os meninos cresceram Rufino instintivamente tinha um comportamento com Salomão diferente.

Clara, Isabelita e Pedro maltratavam Salomão tendo plena consciência de que era seu irmão era a herança maldita de um pai sem coração.

Já Salomão tinha a mais viva sensibilidade tratava os irmãos e pais com amor e amizade e assim não entendia aquela desigualdade.

As vezes quando Rufino lhe batia cruelmente ele depois de chorar pensava detidamente qual a razão que levava seu pai ser tão inclemente.

Mesmo assim quando vendia uma trouxa de algodão que comprava uma camisa vinha com satisfação mostrar aos pais numa prova do seu senso de perdão.

Até quando Salomão  
ia fechar a porteira  
Pedro por trás sorrateiro  
lhe passava uma rasteira  
Salomão se levantava  
só sacudido a poeira.

Suportava humilhações  
e surras sem revidar  
até que reteve o braço  
de Rufino em pleno ar  
gerando um ódio que o velho  
nunca soube disfarçar.

Daquele dia em diante  
como uma infeliz desdita  
vivia só ruminando  
aquela ira maldita  
sendo zombado até por  
sua filha Isabelita.

O ódio em seu coração  
cada vez mais aumentava  
tornando-se indisfarçável  
que todo mundo notava  
chegando a um ponto extremo  
em que já não suportava.

Certo dia Salomão  
com uma quantia pequena  
compreu uma boa camisa  
para ir com Madalena  
as santas festividades  
da paroquial novena.

Rufino viu a camisa  
e prestou bem atenção  
Pedro a viu também num torno  
tendo a fraca inspiração  
de vestir furtivamente  
a roupa de Salomão.

Rufino que tinha ido  
apagar uma coivara  
perguntou pelos rapazes  
então respondeu-lhe Clara  
— Fora a novina, e Pedro  
teve espatifada a cara.

Rufino com olhar satânico  
perguntou enfurecido:  
--- Quem mil capetas no mundo  
seria tão atrevido?  
--- Foi Salomão - disse a velha  
por grande grupo assistido.

Rufino cego de ódio  
saiu na escuridão  
encontrou Pedro, e a roupa  
provocou tal confusão  
que ele matou o filho  
pensando ser Salomão.

Embora Rufino houvesse  
o mundo inteiro iludido  
pelo fato sobre tudo  
de Salomão ter fugido  
nunca mais teve sossego  
sentia-se perseguido.

As vezes o assaltava  
remorso tão violento  
que ele não conseguia  
ordenar o pensamento  
prevendo a qualquer instante  
um trágico acontecimento.

Conforme o tempo passava  
lhe aumentava o terror  
porque todas as fagulhas  
do seu ódio aterrorizador  
incendiaram a fogueira  
do inferno interior.

Outra coisa elementar  
que ele tinha esquecido  
que agora veio à tona  
fustigando o seu ouvido:  
“Naquela queda, Abelardo  
teria de fato morrido?”.

E foi aterrado em tal  
pensamento tão sombrio  
que viu na curva da estrada  
posterior ao baixio  
um grupo armado a cavalo  
vinha margeando o rio.

O líder do grupo disse  
com desusada eloquência  
uma frase que o mundo  
diria com muita insistência:  
--- Rufino perante a força  
não pode haver resistência.

Estes são autoridades  
que Salomão foi buscar  
em Sobral, onde nós fomos  
nossa mina registrar  
quanto a mim você conhece  
sem precisar se esforçar.

Rufino disse: -- Abelardo  
leve o povo enganado  
quero me entregar ao povo,  
pelo povo ser julgado  
para pelo mesmo povo  
ser perdoado ou linchado.

Perante as autoridades  
confesso que sou ladrão  
matei meu filho enganado  
pensando ser Salomão  
mereço maior castigo  
que uma simples prisão.

Na frente da casa grande  
aconteceu esta cena  
presentes os moradores  
inclusive Madalena  
que sentia por Rufino  
ódio mesclado de pena.



Clara e Isabelita  
vendo dissipada a sorte  
foram a cozinha e tomaram  
um veneno muito forte  
refugiando-se logo  
nos braços negros da morte.

Com olhar os militares  
consultaram a multidão  
esta indiferente, apenas  
dirigiu a vista ao chão  
e dali saiu Rufino  
direto para a prisão.

O sonho de Salomão  
foi logo realizado  
pois casou com Madalena  
ficando impressionado  
por ser por velhos amigos  
festivamente abraçado.

Instintivamente o gado  
nas pradarias mugia  
as ovelhas nos apriscos  
balavam de alegria  
continuou a fazenda  
respirando poesia. F I M

Versos À LIBERDADE DE SEBASTIÃO NUNES BATISTA

Os poetas em geral  
e eu particularmente  
tivemos subitamente  
um choque emocional  
pois o Pai Celestial  
que tudo rege e governa  
disse com voz pura e terna  
no celeste paraíso:  
— Sebastião, eu preciso  
de ti na morada eterna.

Sebastião servilmente  
ordeiro, manso, educado...  
obedeceu ao chamado  
do Deus Pai Onipotente  
e nós na Terra somente  
temos a convicção  
ainda que esta Nação  
todos os vates reúna  
ninguém preenche a lacuna  
que deixou Sebastião.

Sebastião foi amante  
da sublime poesia  
e ao falar parecia  
um evangelho ambulante  
a voz mansa aconchegante,  
olhar conciliador,  
sorriso de tero amor...  
entrestecido lamento  
o desaparecimento  
do grande pesquisador.